

NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA: TRADUÇÕES DA LITERATURA FEMININA DE MAUD GONNE E A INTERSEÇÃO COM A POLÍTICA BRITÂNICA NA ERA DA GRANDE FOME IRLANDESA

Autor 1. WALDIR CEZARETTI DE FREITAS

email: wcezarettiufsc@gmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

IV Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2024

***Resumo.** Estudos da Tradução na literatura de autoria feminina de Maud Gonne na compilação: *Irish Nationalist Writings 1895-1946 e sua interseção com a política britânica durante a devastadora Era da Grande Fome Irlandesa (1845-1852)*. A coletânea de escritos de Maud Gonne oferece uma visão penetrante da luta nacionalista irlandesa e da resistência contra a opressão britânica ao longo de um período significativo da história. Em suas palavras, encontramos uma narrativa poderosa que ecoa as vozes dos oprimidos, enquanto ela denuncia as injustiças e crueldades infligidas pelo domínio britânico. A Era da Grande Fome Irlandesa, marcada pela escassez de alimentos e pela negligência britânica, foi um momento crucial que moldou a identidade e a consciência nacional irlandesa. Durante esse período sombrio, a política britânica adotou uma abordagem de controle e desumanização da população irlandesa, resultando em uma catástrofe humanitária de proporções alarmantes. A política britânica durante a Grande Fome pode ser entendida como uma estratégia de poder que visava dominar politicamente a Irlanda e também exercer controle sobre a vida e a morte de seus habitantes. Ao examinarmos os escritos de Gonne à luz da política britânica durante a Era da Grande Fome, somos confrontados com uma dualidade entre opressão e resistência, entre dominação e dignidade. Em primeiro lugar, o poder colonial desempenhou um papel fundamental na moldagem das condições sociais, econômicas e políticas que levaram à fome e à miséria.*

***Palavras Chave,** Literatura feminina, Maud Gonne, Era da Grande Fome*

Abstract, Translation Studies in the literature of female author Maud Gonne in the compilation Irish Nationalist Writings 1895-1946 and its intersection with British politics during the devastating Irish Great Famine Era (1845-1852). Maud Gonne's collection of writings offers a penetrating insight into the Irish nationalist struggle and resistance against British oppression during a significant period in history. In her words, we find a powerful narrative that echoes the voices of the oppressed, as she denounces the injustices and cruelties inflicted by British rule. The Irish Great Famine Era, marked by food scarcity and British neglect, was a crucial moment that shaped Irish national identity and consciousness. During this dark period, British politics adopted an approach of control and dehumanization of the Irish population, resulting in a humanitarian catastrophe of alarming proportions. British policy during the Great Famine can be understood as a power strategy aimed at politically dominating Ireland and also exerting control over the life and death of its inhabitants. By examining Gonne's writings in light of British politics during the Great Famine Era, we are confronted with a duality between oppression and resistance, between domination and dignity. Colonial power played a key role in shaping the social, economic, and political conditions that led to famine and misery.

Keywords: *Women's literature, Maud Gonne, Great Famine Era*

1. Considerações iniciais:

Este artigo tem como objetivo apresentar a tradução do capítulo 3, intitulado "Os Oprimidos", da obra *Irish Nationalist Writings 1895-1946*, de Maud Gonne. Trata-se de uma importante compilação nacionalista irlandesa, que reúne manifestos, documentos e publicações que abordam a resistência irlandesa à opressão britânica, especialmente a partir do século XVI. Neste contexto, a tradução do capítulo em questão visa proporcionar uma reflexão aprofundada sobre os efeitos do colonialismo britânico e a forma como ele impactou a sociedade, a cultura e a identidade irlandesa ao longo de vários séculos.

O capítulo "Os Oprimidos" é um retrato poderoso das condições vividas pelo povo irlandês sob o domínio colonial britânico, destacando a perda de direitos, a expropriação de terras, a repressão cultural e religiosa, e os esforços sistemáticos para silenciar a voz de uma nação que lutava por autonomia. Gonne, uma ativista e escritora profundamente envolvida no movimento pela independência da Irlanda, utiliza seu texto como uma plataforma para denunciar as atrocidades cometidas durante esse período, dando voz aos oprimidos e reforçando a necessidade de resistência e resiliência diante da adversidade.

Ao traduzir este capítulo, buscamos preservar a essência das palavras de Gonne, também garantir que a mensagem de resistência, justiça e busca pela liberdade seja fielmente transmitida. A tradução é uma ponte que conecta o passado e o presente, permitindo que as futuras gerações compreendam as profundas cicatrizes deixadas pelo colonialismo, bem como as lutas e sacrifícios realizados em nome da independência.

Além disso, este artigo coloca em evidência o papel fundamental de obras como a de Maud Gonne no resgate da memória histórica e na construção de uma identidade nacional que resiste à opressão. Ao revisitar a narrativa do povo irlandês no contexto de luta contra a dominação britânica, este estudo também nos permite refletir sobre as várias formas de colonialismo que ainda se fazem presentes em diferentes partes do mundo e sobre como as vozes dos oprimidos continuam a ecoar, pedindo por justiça e igualdade.

Dessa forma, a análise e tradução de “Os Oprimidos” se tornam ferramentas valiosas para ampliar o conhecimento sobre a história do nacionalismo irlandês e para reforçar o entendimento da importância da luta por liberdade e autodeterminação, temas centrais na obra de Gonne.

2. Tradução como ponte social, histórica e cultural:

A metodologia aplicada à tradução utilizada neste contexto baseia-se nas "tendências deformadoras" descritas por Antoine Berman, teórico da tradução que aponta os riscos que a tradução pode impor ao texto original, deformando ou distorcendo seus elementos essenciais. Berman identifica essas tendências como práticas que, consciente ou inconscientemente, podem alterar o conteúdo, o estilo, e a profundidade cultural do texto traduzido. No caso da tradução do capítulo "Os Oprimidos", de Maud Gonne, essas tendências foram cuidadosamente consideradas para minimizar possíveis distorções e preservar o máximo da autenticidade e da intenção original da autora.

Entre as principais "tendências deformadoras" descritas por Berman estão: racionalização, que simplifica a complexidade estrutural do original, clarificação, que tenta tornar mais explícito algo que no texto original é propositalmente ambíguo, enfraquecimento da expressividade,

quando a força estilística ou emocional do original se perde na tradução, homogeneização, que tende a nivelar as particularidades culturais e linguísticas do texto de origem; e a desfiguração das redes significantes, em que os padrões de repetição ou temas recorrentes do original são interrompidos ou atenuados.

No processo de tradução deste capítulo, o cuidado com essas tendências deformadoras foi essencial para que o resultado final mantivesse a integridade da obra de Maud Gonne. A riqueza histórica e o caráter nacionalista do texto demandaram uma atenção especial para evitar a racionalização excessiva, que poderia comprometer a profundidade do discurso político e a complexidade das ideias apresentadas. Também houve uma atenção rigorosa para não cair na clarificação, já que Gonne frequentemente utiliza uma linguagem retórica densa e poética para expressar a indignação contra a opressão britânica, e forçar uma maior explicitude poderia diluir a intensidade do texto. O enfraquecimento da expressividade foi outro risco abordado, visto que a obra de Gonne transmite informações históricas, envolve uma forte carga emocional e retórica, essencial para captar o espírito de resistência que ela desejava evocar. Manter essa expressividade foi fundamental para que o leitor da tradução pudesse vivenciar a mesma profundidade emocional que o público original.

Por fim, na medida em que o capítulo aborda a resistência irlandesa ao colonialismo, houve um esforço consciente para evitar a homogeneização cultural, preservando as particularidades linguísticas e culturais da Irlanda que fazem parte da construção da identidade nacionalista no texto. Assim, a metodologia de tradução aplicada procurou equilibrar a fidelidade ao texto original com as exigências da linguagem de destino, com o objetivo de preservar a riqueza temática, estilística e emocional da obra de Maud Gonne, ao mesmo tempo que oferecia um texto claro e acessível ao leitor contemporâneo.

3. Entre tons e cores:

A tradução, como processo criativo, vai muito além da simples transposição de palavras de um idioma para outro. No contexto da obra de Maud Gonne, por exemplo, a tradução torna-se uma produção artística em si mesma, um esforço para revelar “a verdade entre tons e cores” que correspondem aos sentimentos vividos e expressos pelo autor. O trabalho de Gonne, que capturou e registrou momentos cruciais da vida dos irlandeses, especialmente durante o período de opressão e sofrimento sob o domínio britânico, exige uma abordagem de tradução que vá além da fidelidade literal. É necessário preservar a profundidade emocional, o ambiente cultural e o espírito de resistência presentes nas suas palavras. Ao traduzir uma obra tão carregada de significados, o tradutor deve se preocupar em refletir "as nuances emocionais" que permeiam o texto original. Cada palavra e expressão carrega consigo a dor, a esperança, o desespero e a força de um povo que lutou para sobreviver à fome, à injustiça e à repressão. Traduzir esses sentimentos envolve capturar o tom exato da narrativa, a combinação de revolta e resiliência, de denúncia e esperança, de forma que o leitor da tradução seja capaz de sentir e entender o mesmo impacto que o público original.

"As cores", nesse contexto, representam a vivacidade das experiências descritas por Gonne. Seja nas paisagens desoladas durante a Grande Fome, nas ruas de Dublin, ou nas campanhas nacionalistas, cada cenário carrega uma paleta de sentimentos e emoções que deve ser cuidadosamente preservada na tradução. Um campo devastado pela fome, por exemplo, não é somente uma imagem visual, mas uma representação simbólica da perda, da resistência e da esperança por dias melhores. Traduzir essas imagens, portanto, é como pintar uma tela nova a partir do original, onde as cores e as sombras devem permanecer fiéis para transmitir o significado completo.

A verdade que a tradução busca, então, está intimamente ligada à "essência emocional" do texto. Não se trata apenas de transmitir informações históricas ou factuais, mas de preservar a alma do autor, o modo como Gonne registrou a vida dos irlandeses em suas obras. Seus textos falam da opressão física e política, da luta interna pela preservação da identidade e dignidade. Ao realizar uma tradução fiel, o tradutor trabalha para garantir que essa verdade não seja diluída, mantendo intactos os tons mais sutis das emoções humanas.

Nesse sentido, a tradução de uma obra como a de Maud Gonne é uma "produção de verdade", onde o compromisso não está somente em transmitir o que foi dito, mas em assegurar

que o leitor sinta o que foi vivido. É uma busca pela fidelidade ao espírito do texto, um esforço para manter os tons e cores que capturam a profundidade da experiência irlandesa, garantindo que, ao final, o impacto seja tão forte e verdadeiro quanto no original.

Assim, traduzir a literatura de Gonne é também um ato de empatia, um trabalho cuidadoso para trazer à tona as experiências de uma nação oprimida, seus momentos de dor, de luta e de esperança, e oferecer ao leitor uma janela autêntica para a vida e os sentimentos de um povo que encontrou na literatura uma forma de resistência e expressão.

4. Ativismo e interseção com a política britânica:

Gonne nascida na Inglaterra, porém patriota irlandesa possuía um magnetismo poderoso, atraindo um considerável contingente de indivíduos comprometidos com o fervor do anseio nacional, esta terra de lendas, permeada por uma rica história e uma resistência tenaz, cativou corações e mentes em uma sinfonia de determinação e identidade. Ao longo dos tempos, o patriotismo na Irlanda transcendeu as barreiras do espaço e do tempo, congregando pessoas de diversas origens e caminhos de vida, em um mundo onde a busca pela liberdade muitas vezes se confunde com o clamor por justiça, a Irlanda destaca-se como uma força singular que atrai aqueles que buscam a realização do sonho nacional.

Eamon de Valera cita que Gonne era uma mulher de grande coragem e determinação, o seu legado continua a inspirar gerações e lutadores pela liberdade em todo o mundo. “Seu legado é a jóia mais rara e notável como fonte de contribuição para a história céltica”, De Valera em meio às sombras da história emergiu uma personagem singular que sentiu na alma o pulsar do anseio nacional irlandês. Para James Connolly ela foi uma lutadora destemida. Em cada pedra do solo irlandês, está gravada a história de uma luta ardente e Maud Gonne no centro do Spyster Cemetery tornou-se um emblema emoldurado como uma pintura que dá vida a essa narrativa eterna (Aoife Brennan).

Numa encruzilhada de identidades entrelaçadas, uma personagem britânica singular encontrou-se tocada pela essência do anseio nacional irlandês e dentro dela, a chama da busca

por liberdade e independência queimava de forma inextinguível, transcendendo fronteiras políticas e conectando-a a uma narrativa vibrante nas colinas verdejantes da ilha. Para Gonne a Irlanda não era simplesmente um ponto no mapa, tornou-se uma realidade palpitante em sua alma, seu coração tornou-se um campo de batalha.

Com muita coragem e o comprometimento inabalável Maud Gonne possuía uma pureza inabalável e uma vasta paixão por sua causa, sua dedicação inspirou inúmeras outras pessoas a juntarem à luta pela autonomia, deixando um legado duradouro que continua a ressoar com gerações de irlandeses e lutadores pela liberdade em todo o mundo. Em suas narrativas, Gonne deixa claro seu profundo repúdio pela guerra, afirmando-se como pacifista por natureza. Ela argumenta que são os ingleses que os forçam à guerra, destacando o primeiro princípio da guerra é a eliminação do inimigo. Sua jornada se entrelaça com a própria história da nação, encontrando-se imersa em uma narrativa que transcende fronteiras políticas. Desafiando as limitações de sua nacionalidade declarada, Maud Gonne se conecta a um desejo profundo que ecoa através das colinas verdes da ilha.

Maud Gonne, especialmente no contexto de sua literatura feminina, revela uma interseção profunda entre o ativismo nacionalista e as políticas britânicas durante a devastadora Era da Grande Fome Irlandesa (1845-1852). Através de suas obras, Gonne denunciou as injustiças sofridas pelo povo irlandês, se posicionou como uma voz poderosa contra a opressão colonial, utilizando a escrita como uma forma de resistência cultural e política. Ao analisar suas narrativas, fica claro que a literatura de Gonne vai além da simples representação de eventos históricos; ela oferece uma interpretação crítica da opressão sistêmica vivida pelo povo irlandês sob o domínio britânico. A “Grande Fome” não foi uma tragédia humanitária, mas sim um evento moldado por escolhas políticas que contribuíram para a morte e o deslocamento de milhões de irlandeses. O governo britânico, ao adotar políticas de laissez-faire, negligenciou a responsabilidade de proteger a população irlandesa, resultando em fome generalizada e catástrofe social.

Maud Gonne foi uma figura central no ativismo nacionalista irlandês, e sua vida e obra exemplificam o espírito de resistência contra a opressão britânica. Durante a “Era da Grande Fome Irlandesa” (1845-1852), um dos períodos mais trágicos da história da Irlanda, o ativismo de Gonne encontrou uma poderosa interseção com as políticas britânicas que exacerbavam as

condições de miséria e fome para o povo irlandês. Esta conexão entre seu ativismo e a política imperial britânica revela não só o impacto do colonialismo, mas também a importância da luta pela justiça social e pela independência irlandesa.

A "Grande Fome" não foi um desastre natural causado pela doença da batata, mas um resultado direto da inação e das políticas deliberadamente negligentes do governo britânico. Em vez de intervir para salvar vidas, o governo de Londres adotou uma abordagem de laissez-faire, insistindo que o mercado resolveria a crise e restringindo a ajuda externa, ao mesmo tempo em que continuava a exportar alimentos da Irlanda para a Grã-Bretanha. Milhões de irlandeses morreram ou emigraram em busca de sobrevivência, e o trauma dessa época teve efeitos profundos na identidade e consciência nacional da Irlanda. Foi nesse contexto que Gonne emergiu como uma ativista apaixonada, denunciando essas políticas e dedicando sua vida à luta contra o colonialismo britânico.

O ativismo de Maud Gonne foi impulsionado por sua crença profunda na liberdade irlandesa e em sua visão de uma Irlanda soberana, livre do controle imperial britânico. Ela se destacou como uma defensora da justiça social, e seus escritos e discursos frequentemente abordavam as consequências da opressão britânica sobre os mais vulneráveis, incluindo camponeses e trabalhadores rurais. A fome, para Gonne, não era apenas uma tragédia humanitária, mas uma consequência direta de séculos de dominação britânica, que desumanizou e explorou o povo irlandês.

Gonne viu a política britânica durante a Grande Fome como uma forma de genocídio cultural e físico, em seus discursos e escritos, ela denunciava o papel das elites britânicas na criação e perpetuação das condições que levaram à fome. Para ela, a fome não era simplesmente uma falha administrativa ou uma crise agrícola, mas uma arma usada pelo império britânico para enfraquecer a resistência irlandesa e consolidar o controle sobre a terra e o povo. O deslocamento em massa causado pela fome, assim como a morte de um número significativo da população, foi visto como uma forma de enfraquecer a identidade cultural e a capacidade de luta dos irlandeses.

Ao longo de sua vida, Maud Gonne se envolveu diretamente em ações que desafiavam a hegemonia britânica. Ela participou de movimentos pela reforma agrária, apoiou os camponeses na luta pela posse de suas terras e foi uma figura chave no movimento pela independência irlandesa, que culminaria, décadas depois, na formação do Estado Livre Irlandês. Gonne também

esteve envolvida na criação de grupos como a “Irish Women's Association”, uma organização que defendia os direitos das mulheres no contexto da luta nacionalista, conectando a emancipação das mulheres com a independência irlandesa.

A interseção entre o ativismo de Gonne e a política britânica durante a Grande Fome também revela a maneira como o imperialismo britânico atuava para suprimir movimentos de resistência. As políticas de repressão, que incluíam censura, prisões de líderes nacionalistas e a promoção de divisões entre as classes sociais e religiosas na Irlanda, foram combatidas por Gonne e seus aliados com uma retórica de união e de resgate da identidade irlandesa. Ela compreendia que a luta pela independência não era somente política, mas cultural, a preservação da língua, das tradições e da história irlandesas era vista como fundamental para a libertação do país.

Em seus escritos, Gonne frequentemente evocava as imagens da fome e da opressão para sensibilizar o público e galvanizar apoio à causa nacionalista. Ela conectava o sofrimento do passado com as lutas contemporâneas, afirmando que a sobrevivência e o renascimento da Irlanda dependiam da resistência contínua à dominação britânica. Através de seus artigos e discursos, Gonne ajudou a construir uma narrativa de resistência que unia os irlandeses em torno de uma identidade comum forjada na luta contra a fome, a pobreza e a opressão.

Em conclusão, o ativismo de Maud Gonne e sua resistência ao colonialismo britânico na Era da Grande Fome Irlandesa são exemplos poderosos de como a luta por justiça social e política pode ser uma resposta direta à opressão e à violência de Estado. A fome não foi só um evento trágico na história da Irlanda, mas um ponto de convergência para o ativismo e a consciência nacionalista de figuras como Gonne, que enxergaram nas políticas britânicas da época a causa do sofrimento, a oportunidade de fortalecer o movimento pela independência. Seu legado continua a inspirar movimentos de resistência em todo o mundo, mostrando que a luta pela dignidade e pela liberdade nunca perde sua relevância.

Maud Gonne, sendo uma figura central no movimento nacionalista irlandês, utilizou sua literatura como uma ferramenta de resistência e denúncia, estabelecendo uma relação direta entre a fome, a opressão política e a luta pela independência. Seus textos, como o capítulo "Os Oprimidos", abordam as estratégias coloniais britânicas que visavam subjugar o povo irlandês, desde a exploração de suas terras até a repressão cultural. Em suas narrativas, a fome não é

somente retratada como uma consequência natural, mas sim um mecanismo deliberado de controle e subjugação, reforçando o papel da política britânica na devastação da Irlanda.

A interseção entre a literatura de Gonne e a política britânica também se manifesta na maneira como ela articula a resistência feminina. Enquanto muitos dos relatos históricos sobre a Grande Fome foram escritos por homens, a obra de Gonne oferece uma perspectiva feminina sobre os eventos, abordando as questões políticas, os impactos sociais e familiares da fome. Suas personagens femininas muitas vezes assumem o papel de defensoras da cultura e da identidade irlandesas, resistindo à opressão por meio de sua força e resiliência. As traduções das obras de Maud Gonne desempenham um papel fundamental ao trazer à tona essas narrativas de resistência para novos públicos. A tradução de seus textos torna acessível sua mensagem, preserva o caráter subversivo de sua escrita, que busca desmascarar as injustiças do colonialismo e promover a liberdade e a autodeterminação do povo irlandês. No processo de tradução, é essencial manter a intensidade emocional e a retórica política presentes no original, para que a profundidade de sua crítica à opressão britânica e a sua celebração da identidade irlandesa não se percam.

As “Narrativas de Resistência” de Gonne ganham uma nova relevância quando analisadas sob uma perspectiva contemporânea, pois, ao explorar a interseção entre sua literatura e a política britânica, podemos refletir sobre questões atuais de colonialismo, opressão e luta por autodeterminação. A obra de Gonne oferece lições valiosas sobre a importância da resistência cultural e política frente à opressão, e a maneira como a literatura pode servir como uma plataforma para denunciar injustiças e promover mudanças sociais.

Este artigo referente a tradução do capítulo 3 das narrativas de Maud Gonne vem revelar o poder da literatura feminina como um meio de resistência contra a dominação política e cultural. Suas obras, situadas na Era da Grande Fome Irlandesa, destacam a resistência do povo irlandês, o papel essencial das mulheres na luta por justiça e liberdade. Ao traduzir e analisar essas narrativas, mantermos viva a memória da luta irlandesa e fortalecemos o entendimento de como a literatura pode ser uma poderosa arma contra a opressão.

5. Considerações finais:

A tradução do capítulo 3, "Os Oprimidos", de Maud Gonne, representa um esforço para capturar a profundidade do seu ativismo e da sua resistência diante da opressão britânica durante a Era da Grande Fome Irlandesa. Este período de devastação, marcado pela fome e pela negligência deliberada do governo britânico, teve consequências duradouras sobre a sociedade irlandesa, moldando a luta pela independência e deixando cicatrizes profundas na identidade nacional. Maud Gonne, com sua atuação incansável em prol da causa irlandesa, utilizou sua escrita como uma arma poderosa contra o imperialismo. No capítulo traduzido, ela dá voz aos oprimidos, denunciando as injustiças sofridas pelos irlandeses sob o domínio colonial. Sua narrativa não é um relato factual, um grito de resistência e de solidariedade com os marginalizados. Através de uma linguagem emocional e retórica vigorosa, Gonne transforma o sofrimento de seu povo em um símbolo de luta por justiça e liberdade.

A tradução deste capítulo envolve desafios no sentido de manter a precisão histórica, a responsabilidade de preservar o tom, o sentimento e a intenção da autora. Gonne constrói uma narrativa que é ao mesmo tempo uma denúncia das políticas britânicas e um tributo à força e à resiliência do povo irlandês. Ao transpor essas nuances para outro idioma, o tradutor precisa garantir que as emoções, as imagens e as ideias centrais permaneçam autênticas, respeitando a verdade entre os "tons e cores" que permeiam o texto original.

Este trabalho de tradução permite também uma reflexão contemporânea sobre o impacto do colonialismo e da fome como ferramentas de opressão. A interseção entre a literatura de Gonne e a política britânica da época não se limita ao passado: ela oferece lições universais sobre o poder da resistência cultural e a importância de vozes femininas na construção de narrativas históricas. O capítulo "Os Oprimidos" é um exemplo claro de como a literatura pode servir tanto como documento histórico quanto como instrumento de mudança.

Por fim, a tradução de textos contribui para uma maior compreensão e conhecimento das complexidades da "Era da Grande Fome" e da luta nacionalista irlandesa. Gonne, como uma das vozes mais proeminentes dessa resistência, oferece através de sua obra uma visão crítica e humanizada da opressão colonial. Ao traduzir seus escritos, possibilitamos que novas gerações acessem essa rica história de luta e coragem, promovendo não só o entendimento do passado, mas também a importância da persistência em busca de justiça e liberdade.

6. Referências:

ARENDRT, H. **Origem do Totalitarismo**. Ed. Schocken Books. New York. 1989.

BASTOS, L. A. **Causa da Irlanda: Literatura e Nacionalismo na Irlanda do século XIX**. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 2023.

BERMAN, A. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. 2. Ed. Florianopolis. UFSC. 2012.

BERMAN, A. **Pour une critique des traductions**. John Donne. Paris. Gallimard. 2002.

BRITTO, P. H. **A Tradução Literária**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2012.

CAMPOS, H. **Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2011.

CAMPOS, H. **Metalinguagem & outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COLLINS, L. **Ireland's War of Independence 1919-1921**. Dublin. 2019.

COOGAN, T. **A História da Irlanda**. Penguin Books. Londres. 2005.

CULLEN, M. **As Filhas da Irlanda: Prostituição e Nacionalismo na Irlanda do Século XIX**. Editora Unesp. São Paulo. 2006.

CULLEN, M. **Women in the Irish Revolution**. Four Courts Press. 2001

HOLMES, J. S. **O Nome e Natureza dos Estudos de Tradução**. Copenhague. 1972.

LOURENÇO, E. **A tradução: uma ponte entre culturas**. Ed. Edições Colibri. Lisboa. 2002.

OLIVEIRA, L. D. A. **Reescrevendo a história da literatura irlandesa: a produção literária de mulheres irlandesas do século XVII ao XXI.** Ed. UFSC. Florianópolis. 2018.

STEELE, K. **Maud Gonne's Irish Nationalist Writings 1895-1946.** Ed. Irish Academic Press. Dublin. 2004.

STEINER, G. **After Babel: Aspects of Language and Translation.** Oxford University Press. Oxford. 1975.

TOWNSHEND, C. **The Republic: The Fight for Irish Independence, 1918-1923.** Ed. Oxford University Press. Oxford. 2013.

VENUTI, L. **A invisibilidade do tradutor.** Palavra. PUC-Rio. Rio de Janeiro. 1995